

Lembranças dos cotidianos escolares

Assim que me despedi da Educação Infantil e ingressei no Ensino Fundamental, comecei a vivenciar as experiências da escola pública, onde estou até hoje. A escola pública é/pode ser lugar de resistência, é onde todos aqueles que a compõem (leia-se toda comunidade escolar) compartilham e constroem juntos os sentidos da palavra superação, colocando-a em prática nos cotidianos das escolas.

Foi na escola pública que eu fiz grandes amigos, aprendi muito com excelentes professores, cresci física e politicamente. A escola me proporcionou um olhar diferente para o mundo. Permitiu-me observar que o mundo vai muito além do que eu conhecia ou podia imaginar, estimulando, assim, o meu caminhar, a busca pelo meu lugar (CERTEAU, 2014).

Quando cheguei ao oitavo ano, ingressei em uma escola técnica de Niterói, onde permaneci até concluir o Ensino Médio Técnico em Edificações. Foram cinco anos na maior escola em que eu já havia estudado, onde eu tinha a liberdade de escolher quais esportes eu gostaria de aprender nas aulas de educação física, por exemplo. E eu adorava isso! Adorava poder ser ouvida, ter o direito de escolha, sentir-me praticante do currículo que considerava minha trajetória (CERTEAU, 2014).

Foi nessa escola, que eu conheci professores que me fizeram refletir sobre a política, o respeito, a amizade e sobre as minhas perspectivas de futuro. Ali eu e meus amigos aprendemos a contornar nossas dificuldades e usar nossas táticas (CERTEAU, 2014) para reagir às nossas realidades, de forma a absorver e aproveitar ao máximo as possibilidades que estar naquela escola nos proporcionava. Entretanto, minha permanência nas escolas não foi composta apenas de momentos bons.

Nessa mesma escola, onde fui muito feliz, guardo uma memória que ainda é muito forte: eu sofri bullying por muitos anos por conta do nome diferente. Talvez, adultos não entendam e digam que é apenas um nome como outro qualquer, mas não é. Para uma criança ou adolescente é muito difícil ser alvo de piadas, principalmente sobre algo que ele não pode ou consegue mudar.

Em todos espaços-tempos da minha vida escolar, eu ouvi piadas sobre meu nome. Eram as piadas mais idiotas possíveis, mas todos que ouviam achavam graça, menos eu. Lembro como me sentia quando as aulas iniciavam e os professores pegavam o diário para fazer a chamada, eu torcia para que eles chamassem-nos pelos números e nunca pelos nomes. A cada troca de professor era um sofrimento. E o pior é que aqueles meninos faziam as piadas, todos riam, e nenhum professor percebia como isso me doía.

Por outro lado, a escola também é lugar de crescimento e superação, lembra? Pois é, precisei de uma vida escolar inteira, para apenas no último ano da escola, consolidar dentro de mim que ninguém poderia ter o poder de me aborrecer, e que as pessoas só têm a importância que damos a elas. Foi assim, que eu aprendi que o lado triste da escola não poderia superar tudo de bom que eu vivi lá, essa era a minha tática.

Esse ano eu completei seis anos como professora da Rede Estadual de Ensino do Rio de Janeiro e poder observar as escolas através de outro lugar tem sido muito interessante, e uma experiência muito feliz. Eu tento me colocar no lugar dos alunos e busco saber do que eles gostam, para que isso seja um facilitador da nossa relação professor-aluno, melhorando, assim, o "*ensinoaprendizagem*". Acredito na importância dos alunos serem criadores de conhecimento para que possamos desfrutar de um currículo entrelaçado em redes, que considere as singularidades, que nos permita criar táticas e não ser apenas cumpridores de estratégias (CERTEAU, 2014).

Somos condicionados ao longo da nossa trajetória a vivermos sob estratégias definidas de cima para baixo, dominados, obedecendo e respeitando o roteiro pré-definido por técnicos que não consideram e sequer conhecem nossa realidade, mas as escolas são potencialmente lugares criadores de táticas que podem nos tornar mais livres ao longo da vida.

Referências:

CERTEAU, Michel: A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2014.

Sobre o autor:

Eneida é Mestranda na Faculdade de Formação de Professores